

**PESQUISAS EM HISTÓRIA AMBIENTAL ATRAVÉS DE FONTES
LITERÁRIAS: ALGUMAS REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS**

Catarina de Oliveira Buriti
Mestranda pelo PPGH – Universidade Federal de Campina Grande
catyburiti@yahoo.com.br

Prof. Dr. Ival de Assis Cripa
Centro Universitário UNIFIEO/OSASCO
ivaldeassis@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

O despertar para a tessitura do presente artigo surgiu a partir de um conjunto de reflexões encetadas ao longo do desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande/PB. Na ocasião, pesquisávamos o modo como Rachel de Queiroz, na obra *O Quinze* (1930), e, Graciliano Ramos, em *Vidas Secas* (1938), significaram, em suas respectivas narrativas, o Semiárido e a sociedade que se desenvolveu em interação com esse espaço natural. Com base em algumas questões de caráter teórico-metodológico que se colocaram ao longo desse processo de pesquisa, objetiva-se, através deste trabalho, problematizar os limites e as possibilidades de pesquisa em história ambiental tomando como base fontes literárias, mais precisamente, romances.

Embora uma série de historiadores do Brasil já se preocupe com o estudo das inter-relações históricas entre cultura e natureza, o Semiárido ainda parece ser um território pouco explorado no que diz respeito a essa forma de abordagem histórica, em especial, quando se trata de estudos que lancem mão de obras literárias para o estudo da história dessa região. Ocorre que alguns trabalhos recentes, ao se debruçarem sobre o estudo da região semiárida através da literatura, preocuparam-se em realizar a leitura das obras literárias da década de 30 com o intuito de corroborar a hipóteses de que todos

os escritores desse período construíram a imagem de um Semiárido da seca, da miséria, da fome, da sede, da doença, entre outras referências similares.

Contudo, é necessário ressaltar que, em se tratando dos usos da literatura como fonte para a pesquisa histórica, devemos considerar, antes de tudo, as especificidades da escrita de cada literato no que diz respeito ao modo como configurou a sua narrativa e como atribuiu significados, no espaço ficcional, ao mundo social-histórico do qual fazia parte. Nesse sentido, compartilhamos, ao longo desta pesquisa, com as proposições de Bueno (2006) e de Chiappini (2002), a respeito de que não devemos homogeneizar um grupo de escritores, analisá-los em bloco, apagar as suas diferenças e nuances, haja vista que cada literato enfocou determinadas temáticas, problemas e estilos sob formas múltiplas e diferenciadas. Desse modo, procuramos não situar a produção literária de Rachel de Queiroz e de Graciliano Ramos como reduzidas a um “rótulo generalizante” denominado “romance de trinta”, visto que cada obra particular de ambos os escritores, entre as quais, *O Quinze* e *Vidas Secas*, foram configuradas sob estilos e configurações históricas diferentes. No caso da utilização desses romances como fontes para a história ambiental do Semiárido, levamos em conta que cada um deles elaborou imagens e representações singulares dessa região e da sociedade que se desenvolveu em inter-relação com seu ambiente natural.

Desse modo, levando em conta que a literatura mantém uma significativa relação com o mundo social-histórico e, mais que isso, possui um potencial singular de melhor compreender a vida humana, conforme nos sugere Todorov (2009), buscamos escavar os meandros dos textos, com vista não em transformar as obras literárias do passado em documentos históricos, mas, sim, em considerá-las “como textos entranhados de história”, utilizando-se dos rastros de verossimilhança deixados pelos escritores, mais ou menos involuntariamente (GINZBURG, 2007).

Com base nessa experiência de pesquisa, propomos discutir, de forma preliminar, as seguintes questões: que contribuições a literatura pode oferecer para a pesquisa em história ambiental? É possível afirmar, sem exageros, que as obras ficcionais se constituem como fontes privilegiadas para os estudos históricos que enfocam as temáticas relacionadas com a natureza? É necessário cotejar essas fontes com documentos históricos tradicionalmente utilizados pelo historiador? Quais as especificidades que a literatura, em especial, o romance,

apresenta para o pesquisador de história? Que obras ou estilos podem ser utilizados para a pesquisa histórica relacionada com o meio ambiente?

2 USOS DA LITERATURA COMO FONTE PARA A HISTÓRIA AMBIENTAL

Com relação aos usos da literatura como fonte de pesquisa, sustentamos a hipótese de que esta pode atuar como uma complementaridade especial para ampliar os horizontes da disciplina de história. Isso porque, através do cotejamento entre as obras literárias e outros documentos históricos clássicos utilizados ao longo da pesquisa (relatórios técnicos, mensagens governamentais, boletins institucionais e jornais), supomos que as primeiras se dotam de uma capacidade singular de abordar situações imaginárias que podem nos levar para além das topografias que seria possível alcançar através dessas outras fontes históricas e também de uma potência criadora capaz de traduzir aquilo que outras linguagens talvez não fossem capazes de expressar, oferecendo ao historiador aquele algo a mais que outras fontes não fornecerão (PESAVENTO, 2005).

Dentre os trabalhos que abordaram temas ambientais tomando por base a literatura – que não necessariamente reivindicaram a denominação de história ambiental no momento em que foram escritos –, destacamos como referência as seguintes obras: em primeiro lugar, o livro *O Campo e a cidade na história e na literatura* (1990), do crítico literário inglês Raymond Williams, que analisou as transformações ocorridas no campo e na cidade, na Inglaterra, durante o período da Revolução Industrial e todo o século XIX, utilizando como fonte de pesquisa a literatura inglesa produzida naquele período. Para Williams, o campo e a cidade receberam, ao longo do tempo, múltiplas significações por parte das sociedades, cabendo ao historiador problematizar essa diversidade de representações atribuídas pelas sociedades em períodos e sociedades históricos particulares. Outro trabalho mais recente é o livro de Marshall Berman, *Tudo que é sólido desmancha no ar* (1986), preocupado em refletir sobre as transformações provocadas pela modernidade em conexão com os projetos urbanísticos, a filosofia e a literatura sobre o cotidiano das ruas e a cidade. Referência significativa que também vale mencionar partiu de Alain Corbin, com seu estudo *O território vazio* (1989), no

qual aborda-se a postura do homem ocidental frente à praia, esta paisagem “vazia”, que hoje é o grande motor dos lucros da indústria do turismo.

Além dessas obras, podemos destacar ainda o clássico *O homem e o mundo natural*, do historiador inglês Keith Thomas, que enfoca a mudança de atitudes que ocorreu entre homens e animais durante a era moderna, mais precisamente, entre os séculos XVI e XVIII. O autor expõe os fatores que fundamentaram as percepções, raciocínios e sentimentos dos ingleses no início da modernidade frente aos animais, as plantas e à paisagem física, baseados, sobretudo, em concepções antropocêntricas ou do predomínio do homem sobre o mundo natural. Todavia, a partir de fins do século XVIII, Thomas ressalta que uma nova sensibilidade se desenvolveu entre a classe média da sociedade inglesa, a saber, a preocupação com o tratamento dos animais como uma prática que se tornou evidente entre essas categorias sociais. Estudando as novas sensibilidades que emergiram na Inglaterra em relação a natureza, sobretudo a partir do século XVIII, esse autor observa que se estabeleceram estreitas relações entre o homem e os animais domésticos naquele momento, muito maior do que pretendia a religião oficial que pregava uma estrita separação entre homem e natureza. Adverte que não há dúvida que aqueles seres humanizados não eram criados por razões sentimentais na Inglaterra daquele período, é certo que eles existiam para trabalhar e servir de alimento, quando não para ambas as coisas, porém, as experiências do homem com os bichos não se restringiam somente a isto. Eles fizeram parte do cotidiano e da história do homem e múltiplos significados, atitudes e percepções foram atribuídos a eles por aquela sociedade.

No que diz respeito à história ambiental, em particular, entendemos que as virtualidades imagéticas inerentes à criação literária possivelmente são capazes de contribuir, talvez de forma mais abrangente que outras formas de conhecimento – científico, filosófico ou mesmo político (SCARPELLI, 2007, p. 199) – para a tradução de outros possíveis do homem (CASTORIADIS, 1987, p. 197) ou de diferentes maneiras de significar e de se relacionar com a natureza. Isso porque, considera-se que as obras literárias possuem uma perspectiva diferencial de conferir olhares multifacetados capazes de dar materialidade e visibilidade a diversas possibilidades de interação do homem com ambientes naturais específicos. Assim, a literatura pode ser capaz não apenas de problematizar formas específicas de relação do homem com a natureza, mas também de suscitar reflexões a respeito do modo como os próprios seres humanos de determinada sociedade se relacionavam entre si, relações essas

mediadas, muitas vezes, pelo mandonismo, dominação, hierarquização, subordinação, pobreza e corrupção política, entre outros aspectos pertinentes à análise particular da região Nordeste.

Assim, embora a historiografia tenha privilegiado a característica ambiental de seca como tema para produzir seus trabalhos sobre o Semiárido, no interior das diversas vertentes da disciplina histórica, torna-se necessário repensarmos as múltiplas representações deixadas pelo passado a respeito do ambiente semiárido, em especial, através das fontes literárias. Isso porque, vale lembrar, que essa delimitação territorial não é constituída apenas pela estiagem, mas também pelos períodos de chuva, pela biodiversidade da fauna e da flora regionais, pelos sentimentos topofílicos, ou seja, de amor e de apego à terra, pelas múltiplas relações que se estabeleceram entre os sertanejos e a Caatinga, pelas variadas experiências sociais e práticas políticas registradas ao longo do tempo, pelos imaginários produzidos em relação à vida campestre e/ou cidadina, entre outras possibilidades de abordagens.

A partir de um diálogo estabelecido com as obras literárias selecionadas para este estudo, algumas questões iniciais que se relacionam com a peculiaridade dessas fontes foram suscitadas: em primeiro lugar, quais as diferenças entre a utilização, por parte do historiador, de uma obra literária que se dota de referências explícitas à realidade e de outra cujo estilo e densidade estética utilizada pelo escritor não aparenta se relacionar de forma tão direta com o mundo vivido? Lançamos essa problemática com base na observação das diferentes estratégias de apreciação que podem ser utilizadas para realizar a leitura das obras *Vidas Secas* e *O Quinze*. Ocorre que enquanto o primeiro romance, ao relatar a trajetória de uma família de sertanejos pobres que caminhavam pelo interior da “Catinga” em um período de seca, apresenta ao historiador certa dificuldade de explorá-lo como um texto “entranhado” de fragmentos de verossimilhança ou de detectar quais as referências possíveis que essa obra é capaz de estabelecer com a experiência temporal ou com práticas sociais efetivas de uma época, isso não se observa quando se trata da leitura de *O Quinze*. Nota-se que enquanto Graciliano Ramos buscou aprimorar, na referida obra, a liberdade de criação estética ou estilística, compondo uma trama que simula situações

e personagens que, pelo menos à primeira vista, não aparentam manter vínculos diretos com o mundo vivido, Rachel de Queiroz se apropriou, em *O Quinze*, de aspectos relacionados com a experiência temporal de uma época de forma bem mais constante e explícita.

Embora uma questão como esta possa parecer um impasse metodológico ao historiador que erige um romance à condição de fonte histórica, é preciso lembrar-se das sugestões de Ginzburg (2003) quando, trabalhando com o romance de Flaubert, *A educação sentimental*, demonstra que, apesar do caráter fragmentário dessa narrativa, é possível estabelecer, a partir dela, vínculos entre literatura e mundo histórico, justificando que essa relação independe do estilo narrativo adotado pelo escritor e que mesmo a estética escolhida pelo literato, foi sugerida pela época em que ela foi escrita. Nesse sentido, postulamos que é possível utilizar a obra *Vidas Secas* para detectar os princípios de verossimilhança que nos remetem ao espaço e à época de sua escrita, a saber, o Semiárido dos anos 30.

Uma segunda consideração a ser tomada em relação aos usos dessas fontes diz respeito às diferenças entre a utilização, para a pesquisa histórica, de romances considerados cânones literários, como é o caso de *Vidas Secas* e *O Quinze*, e de escritores cujo estilo não tiveram maior reconhecimento por parte da crítica durante o período de sua escrita, como é o caso de obras como *Os Corumbas*, de Amando Fontes (1933), e de *A Barragem*, de Ignez Mariz (1937), obras que também podem se constituir enquanto ricas fontes a serem pesquisadas pelo historiador ambiental? Pergunta-se: é necessário que as obras literárias tomadas como fonte pelo historiador tenham o reconhecimento da crítica literária quanto ao estilo e às escolhas estéticas?

De acordo com Sandra Pesavento (2005, p. 84), “o valor literário não é um valor absoluto para o historiador, no sentido de que nem só os grandes autores e as grandes obras podem ser tomadas em consideração”. Para ela, mesmo as obras literárias que aparentam uma qualidade estética inferior, mas que estetizou significações relacionadas com a época estudada, elas podem contribuir até mais do que os grandes cânones literários construídos pelo público e pela crítica, para a abordagem de determinadas temáticas históricas. É o caso de *A Barragem*, cujo estilo adotado pela escritora Ignez Mariz, embora não se reconheça como de grande qualidade, configurou ricas passagens

relacionadas com o cotidiano do homem em interação com o Semiárido da década em estudo.

Dessa forma, no que se refere à utilização de obras literárias como fonte histórica, talvez seja pertinente interrogar: até que ponto as obras de ficção podem atuar como complementares em relação às outras fontes históricas tradicionais? O que ela pode nos oferecer de algo a mais quando se trata de pesquisas sobre o imaginário e as sensibilidades de uma época? Ao configurar imaginários do passado que permanecem no presente, pela sua capacidade de afirmar ou deformar a história, que importância essas obras de ficção podem exercer para o debate de questões relacionadas com a história ambiental?

A análise das obras literárias tomadas para estudo nos permitiu observar que, em muitos aspectos, as fontes literárias podem ampliar o horizonte da pesquisa em história ambiental. Em *Vidas Secas* e em *O Quinze*, foi possível apreciar a maneira pela qual Graciliano Ramos configurou o ambiente regional da Caatinga, em especial, como esse espaço foi vivenciado, apropriado, significado pelas personagens fictícias que, de alguma forma, mantiveram relações com a sociedade e o ambiente sobre o qual se referiam. Nesse ponto, podemos destacar as sensibilidades das personagens em relação às chuvas, à seca, aos animais, à terra, à prática da migração, à infância, a adaptação às condições climáticas adversas, aos sentimentos de apego à terra, às lágrimas que marcaram o momento em que precisaram migrar, à subordinação, à fome, à sede, às doenças, à morte, entre outros fatores.

Problematizando esses temas, em confronto com a bibliografia e a documentação oficial que versa sobre o Semiárido da década de 1930, observamos que as fontes literárias possuem o potencial de acrescentar aspectos que, por meio de outros documentos-monumentos, talvez não fosse possível, sobretudo no que diz respeito aos imaginários configurados acerca da vida em sociedade, às sensibilidades que se instituíram em relação ao Semiárido, aos sentimentos que se forjaram pelas personagens nesse espaço-temporal, às dificuldades ultrapassadas, ao processo de readaptação à natureza, entre outros aspectos similares.

**HISTÓRIA, LITERATURA E MEIO AMBIENTE: AMPLIANDO OS HORIZONTES
DA PESQUISA HISTÓRICA**

Com base nessas considerações, observamos que é possível que a literatura contribua para ampliar os horizontes da pesquisa histórica, em particular, no que diz respeito às pesquisas em história ambiental. Conforme vimos, os usos de fontes literárias para a escrita da história independem do estilo literário, ou seja, se o valor estético da obra literária é reconhecido pela crítica. Também não importa se o romance – e talvez, por extensão, quaisquer outras modalidades de literatura (crônica, contos, etc.) – apresente vínculos explícitos com o mundo vivido ou se esta relação aparece apenas de forma cifrada ou fragmentada, sobretudo porque depende-se que a forma ou o estilo escolhido pelo escritor foram, de algum modo, instigados pela configuração social-histórica da qual a obra procedeu.

Além disso, podemos afirmar que as obras ficcionais, quando consideradas enquanto passíveis de estabelecerem uma relação de verossimilhança com a configuração histórico-social na qual emergiram, colocam-se como um campo de pesquisa a ser explorado de forma mais sistemática por parte dos historiadores, em especial, dos historiadores que se dedicam aos temas ambientais. A literatura se constitui como uma fonte privilegiada por exprimir aspectos referentes às inter-relações entre homem e natureza que possivelmente outras fontes não o façam de forma tão singular. É o caso, conforme mencionamos, dos imaginários instituintes, das sensibilidades, do cotidiano social que se constrói em interação com ambientes específicos, do processo de adaptação e de criação cultural do homem diante das dificuldades impostas pelo ambiente, etc.

Deste modo, demonstramos através desta reflexão, que o vínculo estabelecido entre história e meio ambiente permeia a potência criadora da literatura, daí a razão pela qual afirmamos, por fim, que essa tipologia de fonte pode contribuir para ampliar os horizontes da pesquisa histórica, em especial, no que diz respeito aos estudos das ciências humanas, sociais ou até mesmo naturais que dialogam com a história ambiental.

BIBLIOGRAFIA

AB'SÁBER, Aziz. Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas. São Paulo, 2003.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999.

ANDRADE, Leonardo Alves de. (Org.) **Ecologia da favela na caatinga**: Bases para a exploração como lavoura xerófila. Campina Grande, PB: Impresses Adilson: 2007.

ARANHA, Gervácio Batista. **Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região**: tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1925). Campina Grande, PB, UFCG, 2006. (coleção Outras Histórias, n. 2).

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: **Enciclopédia Einaudi**: Antropus-Homem. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985. (Vol. 5).

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: EDUSP; Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2006.

CASTORIADIS, Cornelius. O imaginário: a criação no domínio social-histórico. In: **As encruzilhadas do labirinto/2**: os domínios do homem. Tradução José Oscar de Almeida Marques. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

_____, O imaginário: a criação no domínio social-histórico. In: **As encruzilhadas do labirinto/2**: os domínios do homem. Tradução José Oscar de Almeida Marques. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

CHIAPPINI, Lígia. Rachel de Queiroz: invenção do Nordeste e muito mais. In: BRESCIANI, Maria Stella; CHIAPPINI, Lígia. (Orgs.) **Literatura e cultura no Brasil**: identidades e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2002.

FONTES, Amando. **Os corumbas**: romance. 25. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003. [1934].

GINZBURG, Carlo. Prefácio. In: **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. Trad. de Rosa Freire de Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. Introdução. In: **Relações de força**: história, retórica e prova. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CORBIN, Alain. **O território vazio**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

MARIZ, Ignez. **A barragem**: romance. João Pessoa, PB: A UNIÃO editora, 1994. [1937].

NEVES, Frederico de Castro. **Imagens do Nordeste**: a construção da memória regional. Fortaleza, CE: SECULT, 1994. (Coleção Teses Cearenses).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2005. (Coleção História &... Reflexões).

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**: romance. 75. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004. [1930].

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**: romance. 70. Ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1995. [1938].

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. **Florestas anãs do sertão**: o Cerrado na história de Minas Gerais. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa: A tríplice mimese. In: **Tempo e narrativa**: Tomo I. Tradução Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papirus, 1994, p. 85-132.

_____. O entrecruzamento da história e da ficção. In: **Tempo e narrativa**: tomo III. Tradução Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papirus, 1997.

SCARPELLI, Marli Fantini. Meio ambiente e literatura. In: **Revista Aletria**. v. 15, jan.-jun., 2007. p. 199. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/poslit>.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). Tradução João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VILLA, Marco Antônio. **Vida e morte no sertão**: história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX. São Paulo: Ática, 2000.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.